

O MOVIMENTO REVOLUCIONARIO FRACASSOU

A artilharia que estava acampada no alto de Almada rendeu-se ontem às primeiras horas da manhã. — Os chefes da revolta presos a bordo do "Pero de Alenquer". As insinuações de António Maria no Parlamento

A atitude do proletariado e de "A Batalha" perante os acontecimentos

Seria desnecessário *A Batalha* marcar a sua atitude perante o movimento revolucionário que fracassou. A nossa posição, delineada pelo proletariado consciente agrupado na C. G. T., é sempre a mesma perante as escaramuças de carácter político — quer elas triunfem, quer fracassem. Somos independentes, estamos fora da política burguesa por muito radical que ela se nos apresente. Não colaboramos em revoluções que tenham por objectivo apenas substituir os homens que estão à frente do regime capitalista, sem modificar os seus alicerces. Não seguimos homens, defendemos ideias. Os homens, mais corruptos, menos corruptos, que nos têm governado são para nós fruto do ambiente que respiramos, consequência do regime capitalista estabelecido. Substituir os homens não traz a felicidade ao povo. Substituir o regime de opressão capitalista por um estado de coisas baseado nas ideias sindicalistas que defendemos, de forma que o operário possa, por intermédio das suas organizações de classe, influir na marcha da causa pública — é o nosso ideal. Tudo que não seja uma transformação de carácter profundamente social não merece o nosso apoio. Desavenças de políticos são para nós um espectáculo a que assistimos serenamente para tirarmos os acontecimentos as lições que nos aproveitem e para nos habituarmos a conhecer os homens que nos governam ou querem governar.

A rendição dos revoltosos

O «reporter» de *A Batalha* não se deixou. Nesta ocasião o jornalista não dormiu. Ontem de manhã já se faziam carreiras de vapores para a outra margem. Os jornais da manhã começavam a ser apresentados. *A Batalha* era procurada avidamente. Circulavam os boatos mais contraditórios. Que os revoltosos estavam triunfantes, que várias corporações militares em Lisboa iriam intervir a favor dos revoltosos, etc., etc.

Nenhum dos boatos se confirmou, afinal.

Ao romper da manhã as forças fiéis ao governo, preparavam-se para iniciar o cerco aos revoltosos. Mas quando as forças do governo iam começar o ataque, uma praça do grupo de artilharia da Escola de Vendas Novas, enviada pelo comandante militar dos revolucionários, entregou um bilhete dirigido ao tenente sr. Alberto de Figueiredo, comandante da secção da G. N. R. de Almada.

O bilhete era concebido nestes termos:

Enviado por Manuel de Lacerda de Almeida, geometra. — Ex.º sr. Alberto de Figueiredo. — Creio ser este o nome com que v. ex.º se apresentou no seu convite a que não pude dar o meu assentimento, então, visto de ter compromissos de honra a que eu pela minha parte continuaria a correr.

Como porém, de facto nada se dê quanto que se estabeleceu para outras individualidades e até ao nascer do sol já se não dard, estou pronto a paramentar para evitar mais efusão de sangue. — Manuel de Lacerda de Almeida, geometra.

Sobre o escândalo das libras

Carta pública ao dr. Alvaro de Castro

Meu Amigo
Só ontem à noite, tarde, e para o caso a mais horas, o major Ribeiro de Carvalho, como nós antigo aluno do Colégio Militar, chamou a minha atenção para o seu artigo sobre o caso das libras, que o *Diário das Notícias* publicou com horas de fundo.

Eu não leio o *Diário das Notícias*. Em minha casa compram-no, eu não o leio.

Mas, em atenção a V. e em desconto dos meus pecados, fui ler.

Li, e pasmei.

V. escreveu:

O acordo que o governo realizou com os bancos pode resumir-se no seguinte: o banco que deve lib. 200.000 paga ao Estado sómente lib. 8.450, em seis prestações anuais; o que deve lib. 100.000 paga, nas mesmas seis prestações anuais, lib. 10.138. Assim, por lib. 300.000 recebe o Estado 18.600 libras, números redondos!

refere-se a um período do despacho ministerial que autorisou tão estranha liquidação, por escritura pública, para comentar

aceito que os prejuízos ocorrentes da não liquidação em 31 de Outubro e 15 de Novembro de 1919, não liquidação esta apenas da responsabilidade do governo, vidê processo e *Diário das Sessões da Câmara dos Deputados*, têm de correr por conta do Estado e que por elas não são devidos sequer juros.

Tanta surpresa me causaram as afirmações contidas neste período do despacho de 16 de Dezembro último, que voltei a estudar cautelosamente o processo, como o fizera quando nele tive de intervir.

Encontrei no processo o que esperava nela estivesse: o contrário do que avança o perito do despacho acima transcrito.

Ora, meu Amigo, permita-me que lhe diga também que esperava de si outro comentário, por aquele conjunto de razões, e muitas e várias são, que me fizeram esperar de V., quando fui ministro das Finanças, outras diferentes resoluções, de V., deputado da nação, uma outra também muito diferente atitude.

Em 1919 o, entanto, ministro das Finanças Régio Chaves cedeu a título de empréstimo a vários Bancos 1.030.000 libras, o que, à

A revolução que teve ontem o seu triste epílogo em Almada não teve, nem poderia ter nunca o nosso apoio. Nem sequer sabíamos quais eram as intenções dos revoltosos. Das suas intenções apenas ouvimos dois sinais imperfeitos: uma proclamação pauperrima de ideias e de gramática onde sobejavam os termos retumbantes e umas entrevistas concedidas pelo sr. Martins Júnior aos jornais, cuja afirmação mais saliente era a do fusilamento dos homens implicados no caso Angola e Metrópole. Ora, não nunca compreendemos que o fusilamento de meia dúzia de homens resolvesse qualquer problema social ou moral. E neste caso do Angola e Metrópole, em que tanta gente tem responsabilidade e tanta gente se acoberta sob um manto já muito suspeito de honestidade, não sabemos quais eram os criminosos que o sr. Martins Júnior desejava fuzilar. Se a revolta triunfasse, nós que já conhecemos os políticos de ginjeira, como popularmente se diz, temos a impressão de que entre mortos e feridos alguém haveria de escapar.

Mas a revolta fracassou. Não houve fuzilamentos. Houve dissabores para os vencidos, pelos quais temos sempre simpatia, devido — note-se bem — à sua situação de vencidos e não porque concordemos com as ideias que preconizam. Mas para quem vai toda a nossa aberta e franca simpatia é para os soldados, para os que obrigados a obedecer,

cer, vítimas de uma disciplina intolerável, se vêem, sem bem saber porquê, repetidamente envolvidos nestas zaragatas sem ideal nem finalidade, cujas consequências sofrer duramente.

Não se preenda, porém, desta nossa leal exposição de ideias que a nossa discordância das arruadas políticas do género da que vem de fracassar implica, de longe ou de perto, qualquer concordância com o predominio político de António Maria da Silva, chefe do Partido Democrático, que acaba de sair mais poderoso, mais forte, mais intolerável, da pequena batalha de tiros de canhão sem grandes consequências travada anteontem. Só lamentamos que os revoltosos tivessem contribuído, sem o desejar, com o seu fracasso para o engrandecimento de um poder que vive do arbítrio, que acoberta escândalos e domina um país faminto e opresso que deseja Liberdade e Pão.

O nosso combate ao Partido Democrático não afrouxa, continua. Mas não julguem que a nossa luta visa a auxiliar os vencidos de agora como a nossa crítica aos vencidos agora não oculta tampouco a intenção de ajudar os que indevidamente nos governam.

Somos contra todos os políticos, somos contra o Estado capitalista. Combatemos o regime em globo, porque em globo o desejamos derrubado — para sôssegos e prosperidade dos que trabalham honestamente.

G. N. R. e ainda os soldados Armando de Santos n.º 42 e Manuel Joaquim n.º 17 e 2.ª companhia da mesma guarda vieram conduzidos, para Lisboa no mesmo navio, por terem sido feridos quase à queima roupa em Almada. A's de meia da manhã de ontem retirava para Lisboa o improvisado hospital estabelecido no vapor «Vitoria», tendo a Cruz Vermelha tido ocasião de mais uma vez demonstrar que tem os seus serviços montados por forma a poderem ser utilizados com rapidez.

O estado dos feridos

E' satisfatório o estado dos feridos Amadeu Ferreira, de 19 anos, e sua irmã Linda Ferreira, que foram atingidos por tiros de granada na residência, r. do Conde de Penafiel, 28, sobreloja, os quais ontem foram transferidos da sala de observações, o primeiro para a enfermaria de Santo António e a segunda para a enfermaria de Santa Joana, do hospital de S. José.

No referido hospital, estiveram ontem, pelo meio dia, visitando os feridos e presidente da república, presidente do governo, ministros da guerra e marinha. Foram recebidos no Banco daquele hospital, pelos cirurgiões ali de serviço, drs. Amândio Pinho e Fernando de Lacerda.

* * *

Do comando geral da G. N. R. recebeu o seguinte comunicado:

«Tendo sido publicado em alguns jornais que uma força da G. N. R. debandou por efeito de ter sido atacada a tiro pelos revoltosos e que o pessoal desta mesma guarda do posto de Almada se havia concentrado com os mesmos revoltosos na mesma localidade, para esclarecimento público e em testemunho da verdade, informo que tais factos são completamente destituídos de fundamento e que todo o pessoal da G. N. R. nas missões que desempenhou para o restabelecimento da ordem, cumpiu com zelo e disciplina os serviços que lhe foram cometidos.»

Declarações dos chefes revoltosos

Os chefes revolucionários — dr. Lacerda de Almeida e Martins Júnior — falaram ontem a um jornal da tarde. Pelas declarações do primeiro os objectivos da revolução eram organizar um governo nacional, sem qual preocupação partidária; modificar o processo da eleição do parlamento e a sua função; porém praticamente vários princípios da *Democratie Nouvelle*, que se cifram na intervenção das classes sindicais organizadas na vida do Estado. O segundo, Martins Júnior, explicou os incidentes de Vendas Novas, lamentando que o alferes Delgado tivesse sido ferido, bem como o sargento Marques.

Vários pormenores

O nosso camarada Alberto Monteiro enviou à *Capital* uma carta que aquela gazeta não publicou fazendo-lhe apenas uma leve referência. A carta é do seguinte teor:

Sr. redactor. — A *Capital* de ontem refere-se a um civil Alberto Monteiro, que se encontra preso e incomunicável por ter tomado parte nos últimos acontecimentos revolucionários. Como quer que dessa notícia possa resultar eu vir a ser reconhecido como revolucionário civil pelo parlamento, honra a que não aspiro, e ainda em homenagem à verdade, peço a v. a finza de declarar no seu jornal que essa noticia se não entende com o operário alfaiate Alberto Monteiro, que agradece a publicação do exposto. — Alberto Monteiro.

Os subalternos de Vendas Novas que se revoltaram e que foram presos, são os sargentos Pauleta, Rodrigues, Figueiredo, Espadinha e Amaral. Dos civis, apenas foram presos seis — ésses mesmo durante a noite.

* * *

A última senha dos revoltosos — dada quando a derrota era evidente — foi Três PPP.

Na altura da rendição apareceu no campo de São Paulo um padre, pedindo o pagamento de 43 pés, na importância de 63500, comidos pelos revolucionários. Martins Júnior deu-lhe 6000.

— E vá, que está com sorte, porque eu sou o primeiro revolucionário que paga o que requisita...

* * *

No hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

Ao hospital militar da Estréla apenas recebeu o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, com um tiro num automata e um pelotão de maiores. Este pessoal transportou ao Hospital da Estréla o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª companhia da

fuzilamento.

* * *

O REGIME DOS TABACOS

Em trinta e cinco anos de vigência do monopólio o pessoal viveu em permanente regime de fome

O novo regime dos tabacos que deve vigorar depois de 30 de Abril, é ainda um grande ponto de interrogação. A-pesar de faltarem apenas dois meses para a cessação do contrato que garante à Companhia dos Tabacos o exclusivo do fabrico, o Parlamento ainda não proferiu a última palavra sobre o momento problema.

O que se conhece do futuro dos tabacos é muito vago, muito impreciso mesmo. Sabe-se apenas que o actual contrato, a correr as coisas com o ramerão habitual, será prorrogado por alguns meses, por tantos quantos convenha ao monopólio. Sabe-se apenas que um grupo de capitalistas, por intermédio do jornal "O Século", defende a liberdade do fabrico de tabacos, não para estabelecer em Portugal um regime de livre concorrência, mas sim para criar ambiente favorável à livre importação dos tabacos com isenção completa de todos os impostos alfandegários.

Ora é bom que se atenda que só em Lisboa existem mais de 4000 operários, alguns com 60 anos de serviço nas fábricas, e que no Pórtico há um considerável número de trabalhadores do mesmo mister; é bom que se respeite a situação das famílias desses milhares de operários as quais não podem ser votadas ao ostracismo, as quais não podem sofrer as consequências desse regime de fome em perspectiva.

Em regime de fome vivem esses milhares de bocas há mais de 35 anos, desde que ao odioso monopólio dos tabacos foi conferido o exclusivo.

E não vá supor-se que esse regime de miséria vitimou apenas o pessoal extraordínário. Esse regime foi também extensivo ao pessoal da "Regie". Simplesmente este pessoal, como tinha regalias asseguradas pelo contrato de exclusivo, viveu uma situação melhor.

Todavia não foi ela muito agradável; todavia não foi ela tão invejável, não foi ela tão risonha que evitasse esse viver miserável dos reformados, como já mais duma vez tivemos ocasião de frizar.

Os fósforos, os isqueiros e os acendedores são três pretextos para roubar o público

O monopólio dos fósforos acabou para mais tarde ser substituído pelo monopólio dos fósforos gravado, isto é, tornado pior que tinha sido. Aquela moralíssima concessão à Companhia dos Fósforos para pôr à venda umas caixinhas ao preço de \$15 e \$30, destinada a afugentar do mercado os fósforos estrangeiros arrancou a poeira que tinha sido lançada aos olhos do público. Os ministérios Vitorino Guimarães e Domingos Pereira celebrizaram-se pela maneira como interviveram nesta questão: o primeiro com o imposto de \$12,7 por caixinha de fósforos, imposto que não hesitamos de classificá-la de arrevidíssima ganância em que são exímios os "estadistas" do período democrático; o segundo, pondo de pés o monopólio, expulsando do mercado os fósforos estrangeiros.

O que se fez com os isqueiros e os acendedores constitui uma comprouvada estupidez e uma flagrante imoralidade.

O ex-ministro das Finanças, dr. Torres Garcia, como bom democrático que é, decretou um tipo único de isqueiro para isca selada e de acendedores que será pouco prático e sairá caríssimo. Isto é o estabelecimento insossíável do monopólio dos isqueiros e dos acendedores. Ora os isqueiros eram há mais de trinta anos livremente consentidos por lei e todas as pessoas que até aqui os usavam perdem o direito de usá-los ou arriscam-se a sofrer as consequências da sua desobediência à infamia decretada pelo sr. Torres Garcia.

Para se avaliar o número elevado das pessoas prejudicadas basta saber-se que existem em circulação centenas de milhares de isqueiros que não podem ser legalizados. Esses isqueiros por lei, têm que ser inutilizadas, visto que a lei só consente os do tipo único. Foi também entregue à Companhia dos Fósforos o exclusivo da isca selada. E a companhia resolveu não a fabricar, naturalmente porque isso não convém, e como sem essa isca não podem funcionar os isqueiros estes desaparecem inevitavelmente. A questão não pode ser nem mais indecorosa nem mais complicada!

O governo não tinha nada que se importasse com o feito dos isqueiros nem com os acendedores, mas apenas com o sôlo. Este devia ser acessível a todas as bolsas. Ora os acendedores têm de pagar além dum sôlo cuja importância se ignora ainda (?) uma licença anual de 30\$000 como se se tratasse dum cão de luxo. Querem maior e mais ignobil roubalheira?

EDEN TEATRO

EDEN TEATRO

HOJE
EM DUAS SESSÕESA FESTEJADA FANTASIA
BURLESCA

AS ONZE MIL VIRGENS

Magníficos cenários
Encantadora música
Brillantíssima ensaçâo(1) A nós que somos os vencidos do individualismo, escrevia Mussolini na primavera de 1920, não resta, para a escuridão presente e para o temeroso amanhã que a religião, absurda agora mais sempre consoladora da anarchia. (Citado por Bonomi: *Do Socialismo al Fascismo*).Opiniões insuspeitas
sobre o selvagismo do
actual futebol

A propósito do jogo realizado ultimamente entre o Casa Pia e o grupo tcheco refere um jornal do norte o seguinte: «Registaram-se alguns «corpos-a-corps» em que, de resto, os avançados estrangeiros não levaram a melhor. Pouco antes de terminar o encontro foi expulso do campo um dos tchecos dianteiros por desrespeitar o árbitro. Durante o desafio o desafio esquerdo do Casa Pia, José Gomes dos Santos, foi atingido com um pontapé ficando com a perna direita fracturada pelo que recolheu a um quarto particular do hospital de São José».

Pagou-se a esse pessoal por um preço inferior ao que se pagava ao pessoal da "Regie", pela mesma quantidade de tabaco manipulado; negou-se subsídio na doença ao pessoal extraordinário, enquanto se concedeu esse subsídio ao da "Regie", perseguiu-se, demitiu-se, cuspisse mesmo sobre o rosto dos humildes trabalhadores que foram admitidos depois de 15 de Maio de 1890, e finalmente negou-se o direito de existência a centenas de pessoas durante o longo período de 35 anos.

Dessa criminosa atitude resultou ainda um facto muito doloroso, só por si suficiente para condonar esse execrável monopólio: muitas das mulheres que exerciam a sua actividade nas fábricas dos tabacos—uma percentagem importante do pessoal—é composta pelo elemento feminino—reservaram para o terreno da prostituição, para esse reduto de opróbrio onde se recolhem muitas desgraçadas quando a fome lhes bate à porta!

Sobre esse monopólio, sobre a consciência dos seus directores pesa nesta hora de ocaso do monopólio dos tabacos a responsabilidade de figuarem nos registos policiais alguns nomes de humildes fabriquantes!

Todavia é a este negregado monopólio que se procura entregar o futuro dos tabacos, todavia é a esta Companhia dos Tabacos que se pretende entregar o exclusivo do fabrico, como se fosse ela a única entidade com capacidade para regular o fabrico de um dos artigos de maior consumo público.

Ah! mas nós não permitiremos que vinha essa monstruosidade!

* * *

Mas não ficamos satisfeitos se não transcrevemos para aqui a meia dúzia de previsões linhas que outro jornal nos dá para completar, por hoje, a bela paisagem...

Trata-se de "O Desportista", jornal da esportividade que no norte se publica e cuja orientação nos parece (sem reclame) muito acertada.

Transcrevemos: «Ainda na época passada, num desafio de finalistas, da promoção de futebol eu assisti a um destes repugnantes espectáculos que envergonham e deprimem a causa. Num jogaço mais de violentos ataques que de técnica, de autêntica e selvática caça ao jogador contrário marcado, um dos combatentes (!) apoiado e incitado pela gritaria da assistência: «Carrega! carrega!» derrubou um contrário com um forte pontapé no peito. E como o atacado gritasse: «Olhe que me magou!» o atacante ripostou alto de forma a todos ouviram: «Fou pena não o ter morto!»

* * *

Nós sabemos bem da dificuldade que há em fazer nacionar o espectador *enragé* do futebol onde qualquer outro jogo em que a barbaça assim se manifesta, mas não hesitamos em acumular exemplos sobre exemplos porque ao menos não se poderá negar a verdade do que afirmamos. Desta maneira se extremarão os campos e aqueles que não forem contra... é porque são a favor!

* * *

Não somos os que só sabem criticar sem se darem ao trabalho de apresentar medidas tendentes a acabar com os males criticados. E cat continuarmos a apontar o proletariado jovem a necessidade da criação de organismos, adentro de cada sindicato, capazes de cuidarem com a maior atenção da saúde do trabalhador em geral e do desportista muito especialmente.

Com exames médicos frequentes e uma direcção técnica acertada e metódica poderão os jovens ginastas colher benefícios para a sua saúde. Sem os necessários cuidados médicos e com a criminosa prática de desportos cuja violência vimos apontando o jovem operário conseguir... um excelente passaporte para o «manetar», além de, em vida, mimosear com as mais canibais violências aquelas que tiverem a coragem de lhe passar perto. Oferecemos um elixir que sem se experimentar não pode repudiar-se. As secções de saíde!

E. G. O.

Lloyd George contra o acordo anglo-italiano

LONDRES, 3.—Lloyd George atacou ontem nos comuns vigorosamente o governo, em virtude do acordo anglo-italiano e éis que o próprio Giuletti hospede de Henrique Malatesta, e Malatesta não mostra escrúpulos em aceitar a hospitalidade do reacionário, do militarista, do intervencionista Giuletti. A causa deve ter provocado um vivo sentimento de contrariedade nos senhores do Avanti? Nós não sabemos se o facto de ter sido intervencionista e de ter a coragem de se orgulhar seja tal que provoque as excomunhões do velho agitador anarquista. Talvez ele seja muito menos intratigante do que os idiotas larvados e cheios de pus. Nós, estamos longe das suas ideias, porque não acreditamos já em nenhum verdadeiro revelada, porque não acreditamos já na impossibilidade de parásitos terrestres por meio de leis e de metralhadoras; porque não acreditamos já em mudanças «taumaturgicas», porque temos um outro conceito—nudamente individualista—da vida e das dites, mas tudo isto não impede que nós, sempre prontos a admirar os homens que professam com desinteresse uma fé e pela qual estão prontos a morrer, mandemos a Malatesta a nossa saudação cordial. Fazemo-lo com a esperança de que a sua vasta experiência da vida viva consiga desmascarar os mercadores da revolução, os vendedores do fumo bolchevista, os preparadores dunha nova tirania que depois dum breve período deixaria o povo numa espantosa reacção.

Se transcrevemos as baixas calúnias e as infâmias que o mesmo jornal escrevia no dia seguinte à bomba de Diana de Milão, no dia seguinte à bomba de Diana que ele e nós podíamos saber tanto como vós que me ledes, poderímos calcular toda a vulgaridade de rufião desse jornalista-policial, desse renegado fornado chefe do bando de polícias voluntários e oficiais... O facto de ter sido sincero intervencionista era muito diferente para Malatesta e para os do delito de ter sido agente pago pelo imperialismo. E por isso o nosso camarada não se deixou comover pela saudade, calculada e profissional, e seguir para a frente no seu caminho.

Se transcrevemos as baixas calúnias e as infâmias que o mesmo jornal escrevia no dia seguinte à bomba de Diana de Milão, no dia seguinte à bomba de Diana que ele e nós podíamos saber tanto como vós que me ledes, poderímos calcular toda a vulgaridade de rufião desse jornalista-policial, desse renegado fornado chefe do bando de polícias voluntários e oficiais... O facto de ter sido sincero intervencionista era muito diferente para Malatesta e para os do delito de ter sido agente pago pelo imperialismo. E por isso o nosso camarada não se deixou comover pela saudade, calculada e profissional, e seguir para a frente no seu caminho.

Com destino aos doentes do pavilhão 9 do hospital do Régio, recebeu a Liga mais os seguintes livros: Livraria Aillaud & Bertrand, rua Garret, 22 volumes diversos; Livraria Avelar Machado, ruas Poço dos Negros, 19, 6 volumes diversos.

PARIS, 3.—Os drs. Boeller e Ramon, do Instituto Pasteur, comunicaram para a Academia de Medicina, a sua descoberta dumha vacina contra o tétano.

PARIS, 3.—Os drs. Boeller e Ramon, do Instituto Pasteur, comunicaram para a Academia de Medicina, a sua descoberta dumha vacina contra o tétano.

Federação Ferroviária

Participa aos organismos sindicais que se encontram instalados no Largo de São Domingos, 11-12, 2º, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

Vacina contra o tétano

PARIS, 3.—Os drs. Boeller e Ramon, do Instituto Pasteur, comunicaram para a Academia de Medicina, a sua descoberta dumha vacina contra o tétano.

Liga dos Amigos dos Hospitais

A Liga dos Amigos dos Hospitais recebe mais os seguintes donativos:

João de Barros Júnior, cota semanal, 15\$000; José Maria dos Santos, Aljustrel, 10\$000 que, em conformidade com os desejos do doador, foram entregues à enfermaria de São Francisco do hospital de São José.

Com destino aos doentes do pavilhão 9 do hospital do Régio, recebeu a Liga mais os seguintes livros: Livraria Aillaud & Bertrand, rua Garret, 22 volumes diversos; Livraria Avelar Machado, ruas Poço dos Negros, 19, 6 volumes diversos.

PARIS, 3.—Os drs. Boeller e Ramon, do Instituto Pasteur, comunicaram para a Academia de Medicina, a sua descoberta dumha vacina contra o tétano.

Federação Ferroviária

Participa aos organismos sindicais que se encontram instalados no Largo de São Domingos, 11-12, 2º, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

HOJE

Explorando África com o princípio Guilherme da Suécia

Super-documentário em seis partes

O Orfeão Académico no Rio de Janeiro

Reportagem, cinematografia

UMA CINE FARÇA

Uma farça de desenhos animados

Na Sua Típica

NA PRÓXIMA SEMANA:

Segunda e terça: O MILAGRE DOS LOBOS

Quarta e quinta: Os Nibelungos

Orquestra aumentada

Ilustram-se desde já bilhetes

DOMINGO EM MATINÉE

9.º concerto

FÃO

Marcam-se desde já bilhetes

HOJE

Explorando África com o princípio Guilherme da Suécia

Super-documentário em seis partes

O Orfeão Académico no Rio de Janeiro

Reportagem, cinematografia

UMA CINE FARÇA

Uma farça de desenhos animados

Na Sua Típica

NA PRÓXIMA SEMANA:

Segunda e terça: O MILAGRE DOS LOBOS

Quarta e quinta: Os Nibelungos

Orquestra aumentada

Ilustram-se desde já bilhetes

DOMINGO EM MATINÉE

9.º concerto

FÃO

Marcam-se desde já bilhetes

HOJE

Explorando África com o princípio Guilherme da Suécia

Super-documentário em seis partes

O Orfeão Académico no Rio de Janeiro

Reportagem, cinematografia

UMA CINE FARÇA

Uma farça de desenhos animados

Na Sua Típica

NA PRÓXIMA SEMANA:

Segunda e terça: O MILAGRE DOS LOBOS

Quarta e quinta: Os Nibelungos

MARCO POSTAL

Belmonte.—Não temos facilidade de obter o livro que deseja.

AGENDA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7:41
S.	6	13	20	27	Desaparece às 18:00
D.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	8	15	22	—	L.C. dia 27 às 16:51
T.	9	16	23	—	O.M. 22 às 17:20
Q.	10	17	24	—	C.G. 19 às 18:56

MARES DE HOJE

Praiamar às 6:48 e às 7:08
Baixamar às ... e às 0:18

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	2577	
Paris, cheque	\$73,5	
Suíça	3578	
Bruxelas cheque	89	
New York	19555	
Amsterdã	7586	
Itália, cheque	78,5	
Brasil	2592	
Praga	58,5	
Suécia, cheque	525	
Austria, cheque	2576	
Berlim,	4566	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Français.—Às 22:15—Mademoiselle Demônio.
Círculo—Às 21:15—Tia Andreza.
Rialto—Às 21:15—A Taberna.
Itália—Às 21:15—As Maravilhas.
Politeama—Às 21:30—Não te melindres, Beatrix.
São Luís—Às 21:15—A Moça de Campanhã.
Renaissance—Às 21:15—O Pão de Ló.
Espanha—Às 20:30 e 22:45—Os mil vingões.
Teatro Vitorino—Às 20:30 e 22:30—Foot-Balls.
Coliseu—Às 21—Grande companhia de circo.
A's 14:30—Matiné.
Jumaria—Às 21—Quem matou, «Um senão famíliar».
Século XXI—Às 9:15—Pom Pom.
Cineclube—Às 11:30—Espectáculos às 3:30.
Frente à Força—Todas as noites. Concertos e divertimentos.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terreiro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

CARNAVAL

Não aluguem V. Ex.ª costumes de máscara sem ver o sortimento todo novo do Moderno Guarda-Roupa.

LEITÃO

Telefone C. 2888

Rua do Norte, 83, 1.º

LA KABILINE

Tintas francesas para tingir em casa

Agentes em Lisboa:

G. Pouymayou, Lda
ARCO DE JESUS, 3
(Ao Campo das Cobolas)

Sub-agente no Porto:

Pinto de Faria & Filho, Lda
Rua do Bomjardim, 766

Precisam-se sub-agentes em: Santarém, Coimbra, Figueira da Foz, Cascais da Rainha, Mora, Moura, Evora, Vila Viçosa, Faro e Beja.

ANILINAS

“JACOBUS”

De fabricação alemã

As melhores do mundo!

para tingir em casa toda a qualidade de tecidos e fazendas de seda, lã, algodão, rendas, cortinados, etc.

Únicos depositários gerais:

Sociedade de Produtos Químicos, Lda

Em Lisboa: Campo das Cobolas, 43, 1.º

No Porto: Rua 31 de Janeiro, 17, 1.º

4-2-1926

perecer ou renegar a sua fé... Enquanto a pronunciarmos sobre a oportunidade do momento da luta, se, Deus queira que tal não suceda, ela houvesse de se travar... deixou essa decisão a quem seja mais experimentado do que eu... No momento de acção, os meus bens, a minha espada, a minha vida, estarão ao serviço da causa. Farei o meu dever, todo o meu dever

Ambroso Paré.—Cristo e as minhas obrigações profissionais me ordenam de conceder os meus cuidados aos nossos amigos e aos nossos inimigos; portanto, meus irmãos, só exponho palavras de paz. Sejamos inflexíveis na nossa crença; mas forcemos os nossos perseguidores a reconhecer a nossa moderação; cencemos a sua violência pela nossa paciencia e pela ressignação. Deixemos as espadas na bainha.

O visconde de Ploueriel.—A paciencia também tem os seus limites...

A nossa ressignação não tem durado bastante? não aumenta ela a audácia dos nossos inimigos? Quereis mais uma vez recorrer a humildes requerimentos? Seja, requira-se, supliquemos novamente; mas se nos responderem negativamente, então, levantemo-nos resolutamente contra os nossos inimigos.

Temos a maioria em várias cidades comerciantes, em certas províncias, devemos repelir a força pela força. Os nossos inimigos recuarão perante a nossa atitude e farão justiça às nossas reclamações legítimas.

Quer-me parecer, que levar muito longe a nossa paciencia seria expormos os vêr dizerim cada dia o nosso partido; e chegada a hora do combate... ela chegará fatalmente... teremos perdido os nossos melhores soldados. Em resumo, tentemos uma última vez obter o livre exercício do nosso culto... Se o nosso pedido é recusado, recorramos ás armas!

O príncipe Karl de Gierstein.—Meus irmãos, sou estrangeiro, chego da Alemanha; assisti ás lutas e ao triunfo da Reforma pregada pelo grande Lutero.

Na nossa velha Alemanha, não se requerem nem se



Companhia Nacional de Navegação

Saídas em fevereiro de 1926

Dia 5, para o Funchal e portos da África Oriental e Oriental, o paquete

LOURENÇO MARQUES

Dia 15, para o Funchal e portos da África Oriental, o paquete

AFRICA

Saídas em Março

Dia 1, para o Funchal e portos da África Oriental e Oriental, o paquete

ANGOLA

Dia 15, para o Funchal e portos da África Oriental, o paquete

PEDRO GOMES

Aviso Importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidados nesse dia os seus excessos, havendo-se:

Para carga, passageiros e mais esclarecimentos, tratar-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

A BATALHA

MOÇAMBIQUE EM PERIGO

A eloquência dos factos demonstra que a colónia portuguesa da África Oriental se está abismando em face da tirania e incompetência do Alto Comissário

A Batalha tem publicado muitos artigos sobre os acontecimentos de Lourenço Marques. Apontando factos e registando números, temos imparcialmente historiado o movimento social de Moçambique e o caos administrativo, a tirânia bafafunda em que esta Província ultramarina foi lançada.

Esforçaram-se tódas as leis. Da população laboriosa, uma grande parte gema nas masmorras do governo.

O Alto Comissário não suspende de direito as garantias constitucionais; mas suspende-as de facto, mandando proíber a torto e a direito, rapazes, homens, velhos e até mulheres.

O terror, com tódas as suas consequências, domina a população da Província de Moçambique. Não há liberdade de falar, não há liberdade de sentir, não há liberdade de escrever.

Os telegramas são censurados. As cartas também. A Lisboa chega apenas o eco daquilo que clandestinamente é remetido por Johannesburg, ou as palavras amargas dos que violentamente foram obrigados a seguir para Lisboa.

É de que assim é, basta apontar-se o facto de ter sido preso em Lourenço Marques, e conservado durante mais de 15 dias incomunicável, um indivíduo que fôra ao Transvaal tratar um negócio de bananas, mas a quem os esbirros do Alto Comissário acusavam de ter ido a Johannesburg expedir telegramas.

O sr. Azevedo Coutinho, repudiado pelas populações que governa, sentindo-se perdido mas não querendo largar o lugar que lhe rende 20 libras diárias — muito mais do que o que recebe o presidente da República — ensaiou uma peça de grande estilo, confiado no espírito militar do sr. ministro das colônias.

Para cobrir a sua nefasta obra administrativa, inventou uma greve revolucionária. Inventou, é o termo rigoroso, pois além de ter sido ele que atirou para as colunas do «Boletim Oficial», contra a expressa opinião dum ex-governador cheio de relevantes serviços à Província — uma reorganização absurda, fútil, desastre, que aos grandes distribuiu em bodo, enquanto atirava o operariado para a miséria — foi ele que implantou, pela primeira vez, na capital de Moçambique, a tirânia e o terror, o atropelo e a ilegalidade, fazendo conduzir às prisões do comissariado de polícia, aos porões do «Palanque» e às casamatas da carreira de tiro, centenas de homens que outro crime não haviam praticado senão largar ordinarmente o serviço no dia em que souberam que o governo, cortando-lhes regalias antigas, pretendia aniquilá-las pela fome.

Por um salto da composição na entrevista que publicámos, não se pôs bem aclaro, em poucas palavras, o que tem sido a administração perniciosa do sr. Azevedo Coutinho.

Imagine-se, porém, que o Alto Comissário, de 15 de Novembro de 1924 a 15 de Novembro de 1925, só com o funcionalismo, — o antigo e o que criou com vencimentos excessivos, — aumentou as despesas de Moçambique, em £ 576.205-00.

Para Londres levou uma verdadeira corrente, quando, em busca dum empréstimo, para lá foi e por lá se demorou quase 4 meses, gastando à Colónia nada menos de

FESTAS ASSOCIATIVAS

Trabalhadoras do Tráfego

Realizou-se no passado domingo a sessão solene comemorativa do 2º aniversário do Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego de Lisboa. Fizeram-se representar os seguintes organismos: Operários Alfaiates, Socorro Vermelho, Arsenal de Marinha, Conselho das Juventudes Sindicalistas, Empregados da Exploração do Porto de Lisboa, Confederação Geral do Trabalho, Litógrafos e Anexos, Federação da Construção Civil, Grupo Dramático Solidariedade Operária, Sindicato Único da Construção Civil, Federação do Livro e do Jornal, Serventários da Alfândega, Federação Víncola, Juventude Sindicalista de Lisboa, Câmara Sindical do Trabalho e a nossa companheira operária dos Tabacos Virgínia da Conceição.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, por entre vivas à organização operária internacional, à C. G. T. e à Batalha.

No final foi tirada uma subscrição para os presos por questões sociais.

CONFERÊNCIAS

Na secção da Universidade Popular Portuguesa de Setúbal

O dr. sr. João Camoesas realiza no próximo domingo, pelas 14 horas, uma conferência na secção da Universidade Popular Portuguesa de Setúbal, inaugurando assim os trabalhos educativos que a mesma secção realiza no corrente ano.

Por motivo da perturbação causada pelos últimos acontecimentos, não se realizaram as conferências anunciadas para o mês de Novembro. Efectuar-se hão na quarta-feira da próxima semana.

Secção Telegráfica

Federações

CALÇADO, COUROS E PELES

Pórt.—Sindicato Único do Calçado, Couros e Peles.—Recebemos ofício e já enviamos expediente, encomenda postal, em 29. Digam-se receberam.

Beja.—Sapateiros Bejenses.—O ofício foi enviado ao sindicato.

Faro.—Sapateiros.—Segue expediente,

SOLIDARIEDADE

Pró-José Pires de Matos

Mais um apelo da sub-comissão de C. Branco

A sub-comissão de solidariedade pró-José Pires de Matos, relembra a todos os trabalhadores e organismos revolucionários o dever de, mais uma vez, contribuir com o seu auxílio, a fim de se tentar melhorar um pouco a situação deste nosso camarada, situação assim crítica para a sub-comissão de auxílio, por lhe faltarem os recursos necessários a uma regular assistência.

A não se acorrer com a solidariedade monetária, o tratamento a que J. Pires de Matos está sujeito terá de suspender por motivo de uma sub-comissão não ter recursos.

Oxalá que sejam ouvidos.

Foram as seguintes, as importâncias até hoje recebidas:

Transporte, 1.879\$95; Comissão Central, 200\$00; Quete aberta pelo Luz e Vida, 56\$00; Manufactores de Calçado e Grupo «Estrela do Norte», Penafiel, 36800; José Gomes da Costa, C. Branco, 322\$50; Cade e Alvaro Ramos, 30\$00. Soma, 2.521\$45.

A Sub-Comissão.

A comissão pré-regresso dos deportados recebeu da Associação de Classe dos Operários de Carnes Verdes a quantia de 102\$50, produzindo queta aberta entre os componentes daquela classe em favor dos deportados sem julgamento.

Uma saudação à BATALHA

O pessoal dos Tabacos do Pórt.—«Regras», extraordinário e empregados — em sua reunião de 30 do passado mês aprovou uma saudação à Batalha pela brilhante defesa que tem feito das justas regalias do pessoal dos tabacos.

O apoio à campanha de «A Batalha»

Manuel Pinheiro, cortador de carnes verdes, da Foz do Douro, enviou-nos uma carta, saudando A Batalha pela sua campanha contra os desmandos da alta finança.

O ESTADO E A REVOLUÇÃO

A FUNÇÃO DO ESTADO

Se, por um impossível, uma noite, alguma boia fada seguisse dum só golpe o canteiro governamental, onde a flor conservadora entreabre o seu cálix em companhia da violeta clérical e do dente de leão autoritário, o ano, sem dúvida, teria perdido a sua primavera, porém, a França teria conservado a totalidade das suas riquezas naturais e artificiais e os braços que a fecundam se achariam igualmente dispostos a executar o seu trabalho diário.

Que se teria, pois, transformado?

Como quer que o governo não poria já os seus gendarmes em um dos pratos da balança — o que falseia e quebra todos os equilíbrios —, as forças sociais tomariam a sua posição legítima e o seu livre exercício.

Haveria igual número de trabalhadores para produzir, de campos para semear, de minas para explorar e de fábricas para fazer funcionar. Haveria, também, igual número de estômagos para saciar, de corpos para vestir, pés para calçar, porém, haveria além disso liberdade absoluta de associação e agrupamento. De modo que, não diminuindo a produção e o consumo e havendo aumentado a liberdade, o acordo e o equilíbrio se estabeleceriam materialmente, sobre o terreno da justiça.

Muitas vezes se tem comparado a actual sociedade a uma pirâmide invertida que reposasse sobre a sua aresta e olhasse o céu com a sua base.

Ora, pois como esta posição é tão contrária ao temperamento da pirâmide, como é contrário ao temperamento de Mac-Mahon amar a República, ao temperamento de Gambetta cumprir os compromissos contraídos em Beviláquez, e ao temperamento dum general bonapartista obter a menor vitória sobre os prussianos, preciso é admitir que uma força qualquer mantém violentemente um estado de coisas em tão completa contradição com o bom sentido como com as leis da estatística.

Bastaria, pois, suprimir esta força para que a pirâmide voltasse sobre a sua base, por virtude das leis naturais da gravidade. Qual é esta força?

O Estado apoiado sobre a Unidade e a Centralização.

Suprimido o Estado e a sociedade, longe de desmantelar-se, encontraria a sua base e entrariam imediatamente na lógica e na verdade, o mesmo que é dizer na justiça.

Sendo, de facto, o homem um ser social e todos os homens solidários pela comunidade de certo número de interesses, necessidades, paixões e sentimentos, em nada se necessita do Estado para os unir sobre semelhantes casos. Eles mesmos se unirão espontaneamente.

A função do Estado começa onde a unidade legítima e voluntária cede o passo à unidade fictícia e forçada, à centralização autoritária e despótica. Entre a sociedade organizada sobre as leis da autonomia federal e a sociedade actual, há a diferença que separa um rebanho de carneiros encerrados sob o cuidado do pastor e os dentes do cão, de uma dessas tribus de pombras que vemos percorrer o espaço, independentes e, no entanto, associadas.

E que, em verdade, da União espontânea que não pode aceitar em consequência de erros e de esbanjamentos.

Tanto quanto uma produz de bom, produz a outra de mau.

A União é o pacto, por virtude do qual certo número de indivíduos — seres morais ou materiais — estipulam em plena liberdade e completa independência um contrato pelo qual, dada a sua identidade de interesses e necessidades, aspirações e fins, unem os seus esforços e conjugam a sua ação.

Esta união refere-se somente a uma comunhão de interesses imediatos, ou uma verdadeira conformidade ideal, quer seja política ou social, e não deve ir mais além.

Subentende-se que, para todo o resto, se é livre e que cada individualidade — colectiva ou não — conserva a direcção de si mesma.

A unidade, sem a qual o Estado não poderia existir, é pelo contrário, o estrangulamento de todas as iniciativas sob o nível governamental.

Sacrifica-se-lhe quase sempre mais do que se recebe, posto que cada um dos grupos naturais que a compõem se vê sufocado, submerso pelo imenso número dos restantes grupos e cada personalidade, cada personalidade parcial suporta por sua vez o peso total da massa inteira.

Com a unidade, ninguém conserva a liberdade dos seus movimentos, a possibilidade de desenvolver-se sem arrastar a universalidade daquelas a quem se haja amarrado como escravo a uma cadeia.

E' a história de Paris, que, cada vez que tenta um esforço para o porvir e para o progresso, se vê retido e derrubado pelo peso imenso da França inteira, designadamente ilustrada e amadurecida para o ideal desejado pelo capital.

E' a história de todas as grandes cidades da França, de todos os centros inteligentes e revolucionários, obrigados a marcar passo no mesmo lugar, porque há vinte milhões de camponeses que ainda não têm nenhuma ideia política e social.

Quem não é capaz de compreender que fracionado o povo, será evidentemente muito mais fácil levantá-lo e, finalmente, reduzi-lo a zero para maior benefício de todos e de cada um?

Unidade, Estado, Governo, eis aqui três monstros que entre si se completam e nos devoram um dia antes de conseguirem desembocar no mar de sangue.

Quando pedis, trabalhadores, ao Estado que vos deixe em franca liberdade e não se ocupe de vós, traçais o programa do porvir, indicais a via de salvação, essa via pela qual deverá passar a revolução e que os homens de 1871 regaram com o seu sangue. Porém, se estais resolvidos a passar sem governo, o governo está disposto a não passar sem vós, querer dizer, a continuar confundindo-vos com a sua regulamentação, sua vigilância e sua proteção e como ele tem a força, estais à sua mercê.

O obstáculo, o verdadeiro obstáculo, reside aí e em nada mais do que a

E' seria em vão que se esperasse resolver nenhuma das questões apresentadas pelo presente século, antes de haver resolvido esta questão do Estado, antes de haver estabelecido francamente entre o governamentalismo e a autonomia, entre a Unidade e a Federação.

Artur ARNOULD

(Dos Tiempos Nuevos)

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, com a presença de todos os seus membros.

COMUNICAÇÕES

Operários alfaiates.—Reuniu a nova direcção, sendo-lhe conferida posse pelo presidente da assembleia geral e resolveu que as suas reuniões semanais sejam às 22 horas, a 21,30 horas.

Não tratou de outros assuntos em virtude da direcção transacta não ter compreendido, ficando para a próxima segunda-feira a transmissão dos haveres do sindicato.

Não devendo faltar nenhum dos componentes da direcção cessante.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.—Em conformidade com uma resolução do último congresso corporativo, com o fim de ratificarem as actas, reuniram-se ontem os delegados dos seguintes organismos que fizeram ao congresso: Secretariado, Compositores, Impresores, Litógrafos e Liga de Santarém. Como se constatasse a falta dos delegados dos Encadernadores e Vendedores de Jornais, resolvem-se adiar a reunião para a próxima segunda-feira, às 18 horas em ponto.

O secretariado resolveu que o livro das actas fique à disposição dos delegados que o queiram consultar.

União Ferroviária do Pórt.—Efetuou-se uma concordada assembleia geral para tratar da nomeação dos corpos gerentes para o corrente ano; das demarcações efectuadas em Lisboa pela comissão de melhoramentos, dos trabalhos realizados pela comissão nomeada na última assembleia geral para cuidar da situação dos reformados, regulamento da caixa, etc.; do relatório dos delegados ao Conselho Federal, e de outros assuntos vários.

Presidente Abílio Ferreira dos Santos, que teve a secretariação a cargo de Carlos Guimarães e Manuel Pinheiro.

Alfredo Botelho de Araújo, em nome da comissão da escolha dos novos corpos gerentes, apresentou a respectiva lista.

Carlos Guimarães discordou da inclusão de seu nome, devido à forma como a lista está concecionada.

Joaquim Vicente igualmente manifesta a sua discordância, afirmando que nem todos os indicados aceitam os seus cargos. Alvintra para que a eleição seja antes feita por escrutínio secreto.

José Pinto dos Santos, Manuel Pereira e Belmiro Pereira concordam que Mateus Vieira deve ficar como secretário de direcção. Menezes Leite dá, em nome da comissão de escolha, diferentes esclarecimentos sobre a razão que a levou a incluir na lista o nome de Mateus Vieira como vogal.

Mateus Vieira entende que a U. F. V. carece de um secretário administrativo e de um secretário geral, que saibam desempenhar a missão da hora presente — cargos que não pode aceitar em consequência de ter outros na Biblioteca.

Por fim, é aprovado este documento:

Atendendo que esta assembleia geral é insuficiente para resolver a nomeação dos novos corpos gerentes para o ano de 1926, a assembleia resolve que a eleição seja feita por escrutínio secreto.

Alfredo Botelho e Cristovão Menezes Leite historiaram largamente todas as diligências efectuadas, junto do ministro e do adjunto do administrador geral, sobre os assuntos que, quer pelo conselho técnico, quer pela consideração da classe que a título de honra lhes confiou essa espantosa missão, foram encarregados de tratar em Lisboa.

Francisco Pinto, também, da aluidida comissão, corroborou tudo quanto aqueles disseram, acrescentando que os seus dois camaradas disseram, acreditando que a nomeação era a única que se podia fazer.

Rurais de Ervedal.—Reuniu no dia 31 de Janeiro p. a. a comissão encarregada de angariar donativos para pagamento da sede do Sindicato, registrando mais os seguintes donativos: Rurais de Via Glória, 10\$00; Rurais de Sousel, 16\$40. Aos sindicatos e camaradas que tenham em seu poder bilhetes para o sorteio dum relógio de prata, a comissão lembra a conveniência de não desmembrarem a venda, ao mesmo tempo que convém enviar as importâncias que por ventura possuam, a fim de não embarcar a missão da comissão.

S. U. da C. Civil do Pórt.—Por lapso passou que na